



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

LARA SOUZA VIDAL DE NEGREIROS

O DRAGÃO ASIÁTICO: A INTERNACIONALIZAÇÃO DO RENMINBI
E A NOVA GEOPOLÍTICA MONETÁRIA

JOÃO PESSOA

2024

LARA SOUZA VIDAL DE NEGREIROS

**O DRAGÃO ASIÁTICO: A INTERNACIONALIZAÇÃO DO RENMINBI
E A NOVA GEOPOLÍTICA MONETÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharela em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Filipe Reis Melo

JOÃO PESSOA

2024

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N385d Negreiros, Lara Souza Vidal de.

O dragão asiático [manuscrito] : a internacionalização do renminbi e a nova geopolítica monetária / Lara Souza Vidal de Negreiros. - 2024.

48 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Filipe Reis Melo, Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA".

1. China. 2. Renminbi. 3. Moeda. 4. Sistema Monetário Internacional. I. Título

21. ed. CDD 330.951

LARA SOUZA VIDAL DE NEGREIROS

O DRAGÃO ASIÁTICO: A INTERNACIONALIZAÇÃO DO RENMINBI E A NOVA
GEOPOLÍTICA MONETÁRIA

Artigo Científico apresentado à
Coordenação do Curso de Relações
Internacionais da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
Bacharela em Relações Internacionais

Aprovada em: 21/11/2024.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Vanessa Horácio Lira** (***.094.054-**), em **29/11/2024 13:58:33** com chave **2abbebf2ae7311efacde1a7cc27eb1f9**.
- **Filipe Reis Melo** (***.607.604-**), em **28/11/2024 21:52:55** com chave **45094414adec11ef875c2618257239a1**.
- **Gabriela Gonçalves Barbosa** (***.502.334-**), em **29/11/2024 08:57:40** com chave **229399b8ae4911efba7d1a1c3150b54b**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Termo de Aprovação de Projeto Final

Data da Emissão: 29/11/2024

Código de Autenticação: ddc59c



LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BAI	Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura
DES	Direitos Especiais de Saque
FMI	Fundo Monetário Internacional
HKMA	Autoridade Monetária de Hong Kong
NBD	Novo Banco de Desenvolvimento
PIB	Produto Interno Bruto
PBOC	Banco Popular da China
PCC	Partido Comunista Chinês
RMB	Renminbi
RPC	República Popular da China
SMI	Sistema Monetário Internacional
SAFE	State Administration of Foreign Exchange

SUMÁRIO

O DRAGÃO ASIÁTICO: A INTERNACIONALIZAÇÃO DO RENMINBI E A NOVA GEOPOLÍTICA MONETÁRIA.....	7
1 INTRODUÇÃO.....	8
2 A CHINA NO CENÁRIO ECONÔMICO MUNDIAL.....	11
2.1 A Ascensão da China como potência econômica.....	11
2.2 O papel do Estado na economia chinesa.....	13
2.3 A inserção da China na economia global e sua participação em instituições internacionais.....	17
3 A INTERNACIONALIZAÇÃO DO RENMINBI: CONCEITO E OBJETIVO.....	21
3.1 Definição de internacionalização de uma moeda.....	21
3.2 O uso internacional das moedas.....	22
3.2.1 A taxonomia aplicada ao renminbi - Uso Público.....	26
3.2.2 A taxonomia aplicada ao renminbi - Uso privado.....	29
3.3 Determinantes do uso das moedas.....	31
3.3.1 Tamanho da economia.....	31
3.3.2 Poder geopolítico.....	31
3.3.3 Voluntarismo político.....	33
3.3.4 Instituições fortes e Indicadores macroeconômicos.....	34
4 ESTRATÉGIA CHINESA PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DO RENMINBI..	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	43
AGRADECIMENTOS.....	47

O DRAGÃO ASIÁTICO: A INTERNACIONALIZAÇÃO DO RENMINBI E A NOVA GEOPOLÍTICA MONETÁRIA

Lara Souza Vidal de Negreiros¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o processo de internacionalização do renminbi e as estratégias chinesas para promover sua moeda como alternativa ao dólar estadunidense no cenário global. A pesquisa busca responder à seguinte questão: as estratégias adotadas pela China para promover a internacionalização do renminbi têm sido eficazes em estabelecer a moeda como reserva internacional? A hipótese central é que, embora ainda não tenha superado o dólar, o renminbi tem ganhado terreno no mercado internacional. Através de um estudo bibliográfico, o texto trilha a trajetória da internacionalização do renminbi, destacando as iniciativas chinesas para expandir sua influência monetária global. A análise revela que, apesar dos desafios, a China avança na consolidação do renminbi como uma moeda relevante no sistema financeiro global.

Palavras-Chave: China; Renminbi; Sistema Monetário Internacional; Moeda.

ABSTRACT

The objective of this study is to examine the process of renminbi internationalization and the Chinese strategies to promote their currency as an alternative to the U.S. dollar in the global arena. The research intends to answer the ensuing question: Have the strategies adopted by China to promote the internationalization of the renminbi been effective in establishing the currency as an international reserve? The central hypothesis is that, although it bereft of yet surpassed the dollar, Nevertheless the renminbi has been gaining ground in the international market. Through a bibliographic study, the text traces the trajectory of renminbi internationalization, highlighting Chinese initiatives to expand its global monetary influence. The analysis reveals that, despite challenges, China is advancing in consolidating the renminbi as a relevant currency in the global financial system.

Keywords: China; Renminbi; International Monetary System; Coin.

¹ Estudante de Graduação em Relações Internacionais; Universidade Estadual da Paraíba; João Pessoa, PB; lara.negreiros@aluno.uepb.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

O mundo testemunhou desde a década de 1980, a ascensão de uma poderosa força econômica asiática, a República Popular da China (RPC). Com um complexo programa de industrialização e abertura econômica, a China alcançou o seu lugar e se inseriu como um ator central e relevante do sistema internacional. Nesse sentido, o desenvolvimento chinês, foi marcado pela implementação de políticas econômicas e diplomáticas estratégicas, que têm reconfigurado a ordem mundial e desafiado a hegemonia estadunidense.

A ascensão da China, especialmente a partir de 2012, sob a liderança de Xi Jinping, e a implementação do seu ambicioso projeto do "Sonho Chinês", representa um ponto de inflexão na política externa chinesa. A estratégia de "Ascensão Pacífica", que representou o plano de aumentar a influência chinesa em uma esfera global sem gerar competição com seus países vizinhos (Glaser; Medeiros, 2007), foi substituída por uma postura mais proativa e assertiva na defesa dos interesses nacionais. Essa mudança de paradigma é evidente na internacionalização do renminbi², um planejamento que visa fortalecer a influência global da China e desafiar a hegemonia do dólar estadunidense. A partir dessa postura, o país tomou posse de uma posição privilegiada na economia internacional e tornou-se o maior rival dos Estados Unidos, desafiando o país que, desde a Segunda Guerra Mundial, é a principal potência global.

Ao expandir sua influência global, a RPC tem estabelecido parcerias estratégicas com diversos países, incluindo nações da América Latina, África e Eurásia. Essa estratégia visa garantir o acesso a recursos naturais, mercados consumidores e apoio político, fortalecendo ainda mais a sua posição no cenário internacional.

O sucesso da China como potência global tem profundas implicações para a ordem mundial. A RPC promove uma visão de um mundo multipolar, no qual o poder seria distribuído entre diversas nações, em contraposição à ordem unipolar liderada pelos Estados Unidos. Essa nova ordem internacional, marcada pela crescente interdependência econômica e pela fragmentação do poder, exige a reconfiguração das relações internacionais.

Nas últimas cinco décadas, a China estabeleceu projetos que desafiam as diretrizes internacionais tradicionais dominadas por potências ocidentais. Como membro-fundador do

² Renminbi: Consiste na moeda oficial da china, enquanto o Yuan trata se de uma unidade de conta no sistema econômico chinês. para tornar o trabalho mais padronizado, será utilizado a nomenclatura Renminbi.

Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (BAII) e do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), a China posiciona-se como um agente central na reconfiguração do equilíbrio de poder global.

Adicionalmente, o grande projeto multilateral de investimentos da China, denominado Nova Rota da Seda, lançado no início do governo do presidente Xi Jinping, em 2013, constitui uma estratégia central da política externa chinesa. Trata-se de um ambicioso programa de investimentos em infraestrutura e promoção de trocas comerciais em diversos países. Através desse projeto, a China tem exercido pressão e reforçado, por meio dos discursos de seu líder, a importância de uma política multilateral nas relações comerciais internacionais entre os países participantes. Essa mudança de paradigma é evidente na internacionalização do renminbi, uma estratégia que visa fortalecer a influência global da China e desafiar a hegemonia do dólar norte-americano.

Além disso, o Sistema Monetário Internacional (SMI) e o cenário global estão profundamente interligados, influenciando e sendo influenciados por uma série de fatores complexos. As flutuações cambiais, as políticas monetárias dos principais bancos centrais, as crises financeiras e a crescente interdependência econômica são apenas alguns dos elementos que moldam essa relação. O SMI é composto por diversas moedas nacionais, algumas das quais têm *status* de moeda internacional, como o dólar americano, o euro e o renminbi. Essas moedas são utilizadas em transações internacionais, como reservas de valor e possuem impacto fundamental como instrumento de poder na economia e na política internacionais.

Em outras palavras, a moeda de um país não é apenas um meio de troca, mas também um reflexo de sua força econômica e influência no mundo. Indubitavelmente, a moeda utilizada como reserva internacional, como o dólar, o euro ou, potencialmente, o renminbi, confere ao país emissor uma posição privilegiada no sistema financeiro global. O fato de outros países manterem reservas em uma moeda específica, permite que o país emissor tenha acesso a financiamento mais barato e a uma maior estabilidade econômica. Além disso, a demanda por essa moeda em reservas internacionais pode fortalecer a posição econômica do país no cenário global. Considerando que a moeda também é um instrumento de poder político, países que emitem moedas amplamente utilizadas podem impor sanções econômicas de forma mais eficaz. Por exemplo, os Estados Unidos têm utilizado o dólar como uma ferramenta de sanção, restringindo o acesso de países ou entidades ao sistema financeiro global baseado no dólar. Isso demonstra como a moeda pode ser utilizada para exercer pressão

política e econômica sobre outros países, moldando comportamentos e políticas internacionais.

Decerto, a crise financeira de 2008 evidenciou o caráter desigual e instável de uma ordem monetária e financeira internacional sujeita às sentenças americanas. Atualmente, a guerra na Ucrânia acentuou a transformação das reservas internacionais em armas americanas e forçou a China a analisar a segurança de suas reservas cambiais e seus ativos no exterior. Considerando que a preocupação atual não é mais discutir se os EUA têm a capacidade de fornecer ativos financeiros de alta qualidade, e sim, como esse domínio monetário pode influenciar a segurança das reservas internacionais para os países que não seguem a cartilha americana.

Dessa forma, a pesquisa busca responder a seguinte problemática: as estratégias adotadas pela China para promover a internacionalização do renminbi têm sido eficazes em estabelecer a moeda como reserva internacional? O objetivo deste artigo é analisar o processo de internacionalização do renminbi e identificar o que a China tem feito para atingir este objetivo. A partir disso, os objetivos específicos se concentram em avaliar a trajetória da internacionalização do renminbi e sua aceitação nos mercados globais e pesquisar estratégias adotadas pelo governo chinês para promover o uso de sua moeda em transações internacionais. A hipótese deste trabalho é que o renminbi ainda não rivaliza com o dólar estadunidense como moeda de reserva global, mas tem ganhado relevância internacionalmente.

No que se refere à metodologia adotada, trata-se de estudo bibliográfico, de natureza descritiva e explicativa, embasado em pesquisas sobre o tema e amparado em estatísticas oficiais disponibilizadas por organismos internacionais.

Para construir a análise, o trabalho foi dividido em cinco partes, além da presente introdução. No segundo capítulo, são realizadas breves considerações acerca da China no cenário econômico mundial, desde sua ascensão como potência, transcorrendo para o papel do Estado chinês no desenvolvimento do país, até chegar à inserção do país asiático nas instituições internacionais. No terceiro, são abordados os conceitos de moeda internacional, os critérios para que uma moeda seja considerada moeda internacional e a internacionalização do renminbi, abarcando a definição e os objetivos da internacionalização. O quarto capítulo apresenta uma análise das estratégias mais relevantes utilizadas pela China para internacionalizar sua moeda. Seguem-se as considerações finais e as referências.

2 A CHINA NO CENÁRIO ECONÔMICO MUNDIAL

A China é uma potência econômica global com um papel cada vez mais importante no cenário internacional. De acordo com o Banco Mundial, em termos de Produto Interno Bruto medido em paridade de poder de compra, a China é a maior potência econômica mundial desde 2016, ano que o seu PIB em paridade de poder de compra ultrapassou o dos Estados Unidos. Seu desenvolvimento é resultado de um conjunto de estratégias, que incluem reformas econômicas, investimento em infraestrutura, educação, tecnologia, e uma estratégia de integração na economia global. Assim sendo, o gigante asiático iniciou suas reformas econômicas nas décadas de 1970 e 1980, com a implementação de transformações econômicas que foram responsáveis por abrir o mercado, incentivar o investimento estrangeiro e a iniciativa privada. Por conseguinte, o modelo de desenvolvimento chinês, baseado em exportações, investimento em infraestrutura e forte intervenção estatal, mostrou-se altamente eficaz em gerar crescimento econômico rápido.

Este capítulo apresenta a notável história do desenvolvimento chinês e o papel desempenhado pelo Estado nessa transformação. Tendo passado décadas de declínio e isolamento, a China despertou para uma rota de transformação radical, adotando políticas de reformas e abertura de mercado no final do século XX. O capítulo examina como o governo chinês, através de uma combinação entre Estado e mecanismo de mercado, organizou uma rápida e constante expansão econômica. Além disso, exploram-se também os principais fatores que contribuíram para o sucesso do gigante asiático, incluindo suas políticas industriais estratégicas, investimento em infraestrutura e o foco na educação.

2.1 A Ascensão da China como potência econômica

Para começar, é necessário compreender que a ascensão da China e a internacionalização do renminbi representam uma das maiores transformações econômicas do século XXI. Esse fenômeno abriu espaço para que se questionasse: “como a China, em poucas décadas, conseguiu desafiar a hegemonia do dólar e moldar um novo cenário global?”.

Nesse contexto, o país chinês, antes uma economia isolada, experimentou uma das mais rápidas e profundas transformações econômicas da história a partir de 1978, quando Deng Xiaoping desencadeou uma série de reformas, a partir da planificação estatal, que moldaram a nação numa potência industrial global, através das mudanças conhecidas como as

“Quatro Modernizações”, na qual, abrange áreas estratégicas como agricultura, indústria, defesa e tecnologia.

Dessa forma, a transição para uma economia de mercado foi potencializada pela abertura de setores como indústria, comércio e serviços, pela criação de Zonas Econômicas Especiais³ (ZEE), como Shenzhen e Shanghai, regiões essas com foco em atividades exportadoras, que passaram a receber investimento externo em setores determinados pelo governo, absorvendo técnicas e tecnologias e pela atração maciça de investimentos estrangeiros, especialmente em setores de alta tecnologia. Essas reformas impulsionaram um crescimento econômico exponencial, modernizando a infraestrutura, aumentaram a produtividade e transformaram a China no maior exportador do mundo.

O crescimento econômico da China a partir da década de 1980, foi singular, com o PIB expandindo mais de 56 vezes entre 1980 e 2023, alcançando US\$17 trilhões e tornando-se a maior economia do mundo em termos de paridade de poder de compra, segundo o Banco Mundial. Esse crescimento acelerado e a crescente influência econômica internacional proporcionaram o ambiente ideal para a internacionalização do renminbi. A partir dos anos 2000, o governo chinês passou a promover ativamente sua moeda como alternativa ao dólar, buscando reduzir a dependência da moeda estadunidense, aumentar sua influência geopolítica e facilitar o comércio com seus parceiros comerciais.

Visando desafiar a hegemonia do dólar e consolidar sua posição como potência global, o governo chinês implementou uma estratégia multifacetada para promover a internacionalização do renminbi (RMB). Através da assinatura de acordos de swap⁴ de moeda com diversos países, a China facilitou as transações comerciais em sua moeda nacional, reduzindo a dependência do dólar. A criação/transformação de centros de negociação de renminbi em importantes centros financeiros, como Hong Kong, Londres e Cingapura, impulsionou ainda mais a liquidez e o uso do renminbi em mercados globais. De importância fundamental para esse processo foi a inclusão do renminbi na cesta de moedas do Fundo

³ Foram as áreas criadas pelo governo de Deng Xiaoping (1978-1992) para atrair investimento estrangeiros, promover o comércio internacional e impulsionar o Desenvolvimento Econômico Chinês. As zonas oferecem condições favoráveis, como: incentivos fiscais, facilidades regulatórias e infraestrutura de alta qualidade. Desde a sua criação as ZEEs têm contribuído para o crescimento econômico do país, impulsionando as importações e facilitando a transferência de tecnologia.

⁴ Promove a troca simultânea de taxas de ativos financeiros entre agentes econômicos. Essas operações têm como objetivo promover a proteção contra variações excessivas da moeda dominante. Esse tipo de operação é essencial para reduzir a exposição ao risco cambial e estabilizar o fluxo financeiro, proporcionando maior segurança aos agentes envolvidos em transações internacionais e investimentos (Banco Central do Brasil).

Monetário Internacional (FMI) em 2016, conferindo à moeda chinesa o *status* de reserva global e consolidando sua posição no sistema monetário internacional.

Além disso, o uso crescente do renminbi nas transações internacionais contribuiu para a estabilidade financeira da China. A redução da dependência do dólar diminuiu a exposição do país às flutuações cambiais e aos riscos associados a sanções econômicas. Esse fator é particularmente relevante em um contexto de crescentes tensões comerciais com os Estados Unidos, e a adoção do renminbi pode servir como um mecanismo de defesa contra pressões externas. Com efeito, a promoção do renminbi também facilitou o comércio e os investimentos entre a China e seus parceiros comerciais. Em decorrência disso, a possibilidade de realizar transações em moeda chinesa incentivou empresas estrangeiras a intensificar suas relações comerciais com a China, impulsionando ainda mais o crescimento econômico do país. Outrossim, o uso do renminbi como moeda de financiamento para projetos de infraestrutura no âmbito da Nova Rota da Seda ilustra como a China tem utilizado sua moeda para expandir sua influência econômica global.

2.2 O papel do Estado na economia chinesa

A China passou por um longo período de declínio iniciado no século XIX e intensificado pela Revolução Cultural, entretanto encaminhou sua reintegração à economia mundial, a partir dos anos 1980, não cedendo ao imperialismo ocidental como muitos previam. Ao contrário do que orientavam as potências ocidentais, o país adotou um modelo de desenvolvimento híbrido, combinando elementos do capitalismo com práticas socialistas e preservando sua soberania. Essa estratégia permitiu à China alcançar um rápido crescimento econômico, tornando-se uma potência industrial e tecnológica de dimensões globais (Jabbour; Gabriele, 2021). Esse processo de desenvolvimento chinês, em contramão a normatividade ocidental destacou seu papel ativo na economia, como citado por Jabbour; Gabriele (2021):

Elemento chave nesse processo é a reinvenção do Estado, que em vez de se orientar para um processo de acumulação independente do mundo do trabalho – caminho aventureiro trilhado pelo eixo de poder anglo-saxão –, lidera a mais vasta erradicação da pobreza da história da humanidade. Além disso, uma imensa reorganização empresarial e um vasto desenvolvimento de capacidades de amplas massas lançam os pilares de uma potência territorial de escala muito superior à das potências marítimas ocidentais que lideraram por séculos a civilização capitalista (Jabbour; Gabriele, 2021, p. 2).

Dessa forma, uma característica que diferencia a transição econômica chinesa da transição pós-comunista do Leste-Europeu, é a forma como o Estado chinês solidificou o sistema financeiro estatal, de modo diferente do que acontece no leste europeu que adotou a agenda liberal ocidental guiada pelo Banco Mundial. A agenda ocidental ditava a privatização em larga escala das empresas e a rápida liberalização dos preços, para que assim essas economias pudessem se adaptar rapidamente ao mercado. Porém, essas transições econômicas aconteceram sem qualquer preocupação específica com a situação de cada país. Os chineses, por outro lado, elaboraram uma estratégia de desenvolvimento que permitiu ao país estabelecer uma vasta proteção institucional e financeira, posicionando-se além da forma de organização de produção e do estágio financeiro do capitalismo. A formação das maiores reservas cambiais globais proporcionou um espaço político e a habilidade de blindar a política monetária do país contra as flutuações dos mercados financeiros globais (Jabbour; Gabriele, 2021).

Portanto, a influência do Estado chinês no sistema financeiro permite a proibição total do livre movimento de capitais, cuja finalidade é evitar que a China seja afetada pela especulação financeira global e por crises internacionais, como a crise asiática de 1997. Este modelo institucional conduz ao que alguns autores chamam de “empoderamento financeiro” através dos financiamentos bancários para questões sociais, como a saúde e a educação.

Fundamentalmente, a essência do processo de desenvolvimento econômico reside na tomada de uma decisão política capaz de mobilizar toda uma sociedade em torno de uma estratégia de modernização e superação de uma situação de déficit, e no alcance de um equilíbrio entre a ação do Estado e do mercado, ou seja, trata-se do estabelecimento de uma estratégia nacional de desenvolvimento (Jabbour, 2020). Entre alguns processos coordenados pelo Estado chinês, destaca-se o domínio do mercado; incentivo à educação como ferramenta de inclusão social, incentivo aos empreendedores rurais e o estímulo à concorrência entre empresas de todas as dimensões. Além, do planejamento estratégico da indústria e o estímulo das exportações (Jabbour, 2020).

Em decorrência das reformas de 1978, o Estado chinês tornou-se o ator principal do desenvolvimento do país. Após as políticas pós-reformas, o domínio do mercado pelo Estado modificou todo o funcionamento econômico da nação. Antes das reformas, o governo central mantinha o controle direto sobre a economia, e as empresas estatais contribuíram de forma significativa no orçamento do Estado. Essas empresas eram as principais responsáveis pela

produção de bens e arrecadação de impostos, e parte de suas receitas eram enviadas diretamente ao governo central, o que mantinha a economia fortemente centralizada. Após 1978, com as reformas, o papel do governo central diminuiu em relação ao controle da economia. Em vez de depender das contribuições das empresas estatais, o governo adotou um sistema de “redes de subsídios”. Essas redes de subsídios consistiam em recursos financeiros que o governo distribuía de maneira específica e estratégica para certos setores e empresas, especialmente para aqueles que necessitavam suporte para crescer ou se modernizar. Esse sistema permitia ao governo focar o desenvolvimento de áreas prioritárias sem exercer controle total sobre todas as empresas e sem depender exclusivamente das receitas das estatais para manter o orçamento. Com essa estratégia, o Estado chinês foi capaz de proporcionar ao governo capacidade para coordenar investimentos e capitais, permitindo à economia o poder de enfrentar conflitos internacionais e dar continuidade às políticas de desenvolvimento (Freitas, 2021).

Sob essa perspectiva, as reformas econômicas tiveram o papel de reestruturar a atribuição do Estado chinês, deixando-o à frente do desenvolvimento econômico, com o intuito de atrair capitais privados estrangeiros e preservando, ao mesmo tempo, seu papel na gestão da economia (Souza, 2018). A necessidade de resolver complexos problemas sociais e econômicos levou a mudanças e demandou um Estado atuante que assumisse uma posição de liderança, segundo Mazzucato (2014). Seguindo essa lógica, as reformas chinesas evidenciam o Estado como protagonista da estratégia nacional de desenvolvimento.

Seguindo o pensamento de Gerschenkron (2015), que argumenta que, na ausência de um setor financeiro privado forte e de uma comunidade empresarial que consegue promover o crescimento econômico, o Estado deve estabelecer um sistema de finanças públicas para promover o crescimento econômico, o Estado chinês assumiu a dominância no sistema financeiro do país. E esse domínio permitiu à China desempenhar um papel fundamental no direcionamento de investimentos em setores estratégicos, facilitando a mudança econômica do país. Além disso, as políticas governamentais guiaram os ativos financeiros para as áreas prioritárias, reforçando a estratégia de desenvolvimento nacional (Jabbour, 2020). Segundo Arrighi (2008), a riqueza de uma nação está ligada à especialização produtiva e ao tamanho do mercado. No entanto, o desenvolvimento econômico pode ser acelerado pela expansão do mercado, independentemente de quem o organiza. Especificamente nesse contexto, foi o Estado quem impulsionou a expansão e moldou os modelos de produção.

Uma demonstração evidente da atuação do Estado no desenvolvimento econômico é a Comissão de Supervisão e Administração de Ativos do Conselho de Estado (SASAC), responsável por gerir os ativos públicos ao lado dos grandes bancos estatais e desempenha um papel crucial na implementação das políticas industriais chinesas, garantindo que as empresas estatais contribuam para o crescimento econômico do país e aumentem sua competitividade no mercado global, de acordo com Jabbour (2020).

À luz dessas considerações, a entrada de capital estrangeiro é regulada e aberta de forma gradual pelo governo, assim como a desregulamentação do mercado. De maneira mais abrangente, o papel do Estado foi, e vai além da liderança do processo de industrialização e de regulação estatal do mercado, ele também está presente na forma da “socialização do investimento”. Em função disso, o desenvolvimento econômico do país pode ser explicado por um surgimento cíclico de instituições que delimitam uma contínua reorganização de atividades entre o setor estatal e privado da economia, sendo o Estado o comandante desse processo. As reformas econômicas “marcam o início de um processo em que o desenvolvimento de um modo de produção distinto (socialismo) demandou que um novo tipo de superestrutura literalmente fabricasse um mercado como forma de sua sociedade revigorar” (Jabbour, 2020, p. 78).

Sob essa ótica, a construção desse mercado levou o país a uma reorganização de sua estrutura econômica e social. O mercado tornou-se um instrumento do governo chinês para lhe dar respaldo político em sua base. Tanto é que o estabelecimento desse mercado acontece quando o Estado dá a permissão aos camponeses de comercializar seus excedentes de produção. Mas esse papel do Estado muda de acordo com os diferentes ciclos econômicos no decorrer das reformas. Essa frequente realocação do Estado, junto com um processo dinâmico de reorganização de atividades tem garantido ao governo, o comando do processo de desenvolvimento. A compreensão sobre os ciclos econômicos e os processos de acumulação é importante para entender o papel do Estado no comando desse processo, “a cada ciclo mudam-se também as instituições e seu caráter, mudam-se também o papel do mercado e do setor privado e o alcance do planejamento econômico acompanha essa lógica cíclica” (Jabbour, 2020, p. 203).

Em suma, a China emerge como um ator central na geopolítica global, desafiando as estruturas de poder tradicionais e oferecendo um modelo alternativo de desenvolvimento. Sua trajetória impacta profundamente as relações internacionais, a economia mundial e as

dinâmicas de poder no século XXI. Apresenta um modelo econômico híbrido único, onde o Estado, com um papel ativo e estratégico, coexiste com forças de mercado.

Ao contrário dos modelos de livre mercado tradicionais ou das economias planejadas centralizadas, o modelo chinês combina elementos de ambos, resultando em uma abordagem distintiva que se manifesta em diversas dimensões, como a propriedade estatal, a política industrial, a regulação financeira e a gestão macroeconômica. Essa combinação singular de intervenção estatal e dinamismo do mercado tem sido a chave para o sucesso econômico chinês, oferecendo um modelo alternativo de desenvolvimento para outros países.

2.3 A inserção da China na economia global e sua participação em instituições internacionais

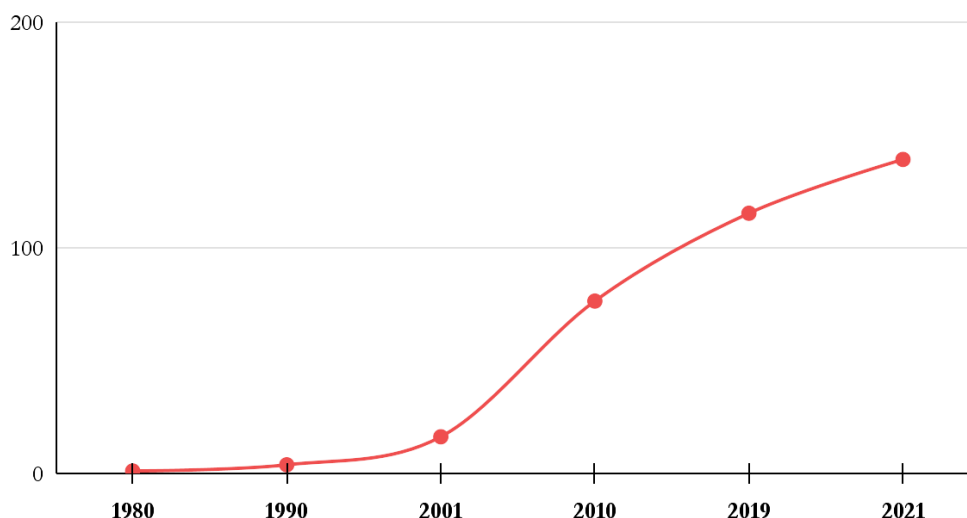
Em 2001, a China entrou na Organização Mundial do Comércio (OMC), evento que coincide com sua ascensão como potência internacional, impulsionada por um forte crescimento econômico que alterou o panorama das relações internacionais. A adesão à OMC representou uma decisão política crucial do governo chinês para reintegrar o país ao comércio global, o qual se tornou o principal motor de seu desenvolvimento. Esse ingresso foi precedido por ajustes econômicos graduais, refletindo uma das características centrais da estratégia de desenvolvimento da China. A entrada na OMC fazia parte do plano chinês de evitar conflitos com os Estados Unidos e outros países centrais do capitalismo, visando o fortalecimento de sua política comercial.

De acordo com Arrighi (2008), entre 2001, ano em que a China se tornou membro do organismo, e 2004, o país foi responsável por um terço do crescimento do volume de importações no mundo, tornando-se o motor do restante da Ásia Oriental e ajudou o Japão a se reerguer, o que foi considerado como evidência adicional da mudança no poder geopolítico no leste asiático. Com relação ao Sul da Ásia, o comércio da Índia, que era de 300 milhões de dólares em 1994, teve um aumento e saltou para 20 bilhões de dólares em 2005 e, portanto, as relações do país com a Índia mudaram radicalmente. No Oriente Médio, o governo chinês firmou um grande acordo petrolífero com o Irã em 2004. A China perdeu voluntariamente 1,2 bilhão de dólares em dívidas africanas, em troca da construção de novas relações comerciais, especialmente no negócio de matérias-primas. Igualmente em 2004, a China estava caminhando para se tornar o maior parceiro comercial da UE. Logo após entrar na OMC e levar adiante novas relações comerciais para impulsionar seu rápido crescimento, o país começou a fazer negócios mais multilaterais do que os Estados Unidos (Freitas, 2021).

No comércio internacional, fez um acordo com o Brasil, a África do Sul e a Índia e iniciou uma ofensiva do G20 na reunião de Cancún em 2003 para se opor ao Norte na abertura dos mercados do Sul. No que diz respeito à América Latina, as transformações no comércio internacional durante a primeira década do século XXI consolidaram a China como principal parceira dos países latino-americanos (Almeida Filho; Nascimento, 2018).

De acordo com as estatísticas do Banco Mundial (2024), o volume das exportações da China aumentou 357% entre 1980 e 1990; entre 1990 e 2001, quando aderiu à OMC, o número aumentou 427%; de 2001 a 2010, o aumento foi de 470%, embora o crescimento tenha desacelerado entre 2010 e 2019, quando o aumento foi de 151%. Em suma, o aumento da participação da China nos mercados internacionais ocorreu após a adesão do país à Organização Mundial do Comércio em 2001, o que mostra a importância da sua filiação para o seu desenvolvimento. Como é possível ver no gráfico 1.

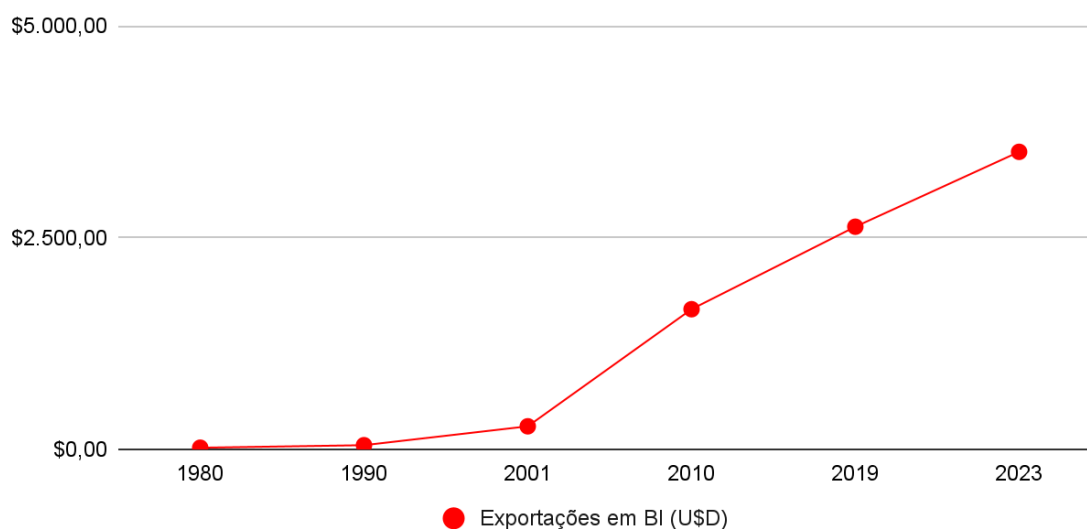
Gráfico 1: Índice de volume de exportação - China (2015=100)



Fonte WDI ([Banco Mundial](#), 2024).

O crescimento não ocorreu apenas nos volumes de exportação, mas também nos valores. Segundo dados do Banco Mundial (2024), em 1980, a China exportou cerca de 19 bilhões de dólares em bens e serviços, enquanto em 1990 esse número saltou para 49,13 bilhões, representando um aumento de 158,58% no período. Em 2001, o país exportou 272,06 bilhões de dólares, registrando um crescimento de 453,84 % entre 1990 e 2001. Em 2010, as exportações chinesas de bens e serviços alcançaram 1,654 trilhão de dólares, um aumento impressionante de 508,06%. Em 2023, o valor chegou a 3,513 trilhões de dólares, com um crescimento de 112,42%, evidenciando que o ápice do crescimento das exportações, também em valores, ocorreu logo após a entrada da China na OMC (Freitas, 2021)

Gráfico 2: Exportação de bens e serviços - China (1980-2023).



Fonte: WDI (Banco Mundial, 2024).

Em 1980, conforme dados do Banco Mundial (2024), o PIB chinês era de 191 bilhões de dólares. Em 1990, esse montante subiu para 360 bilhões e, em 2001, o PIB alcançou 1,3 trilhões de dólares. Esse número saltou para 6 trilhões de dólares em 2010 e para 17,800 trilhões em 2023, evidenciando uma trajetória de crescimento do PIB tanto antes quanto após a adesão à OMC. Nota-se que as maiores médias de taxa de crescimento do PIB ocorreram entre 1990 e 2001, e entre 2001 e 2010. O período de 1990 a 2001 abrange o processo de adesão à OMC, que se consolidou em 2001, enquanto os anos entre 2001 e 2010 correspondem ao período subsequente à adesão. Os maiores períodos de crescimento das exportações chinesas também se registram nesses dois intervalos, tanto em volume quanto em valor.

De acordo com o exposto, sabe-se que uma das bases para o êxito da estratégia nacional de desenvolvimento implementada pelos chineses foi o aumento de sua participação no comércio exterior, especialmente por meio do crescimento de suas exportações, tanto em volume quanto em valor. Segundo dados do Banco Mundial (2024), em 1980, o total de bens e serviços exportados pela China correspondia a apenas 0,49% do total das exportações globais em valor monetário (dólar). Em 1990, houve um crescimento, com as exportações chinesas passando a representar 1,14% do total global; em 2001, esse percentual subiu para

3,54%. Em 2010, essa participação saltou para 8,58%. Já em 2019, a China era responsável por 10,64% do total das exportações mundiais.

Em conclusão, o notável crescimento econômico da China está diretamente ligado à estratégia de desenvolvimento liderado pelo Estado que desafia os valores econômicos tradicionais ocidentais. Nesse contexto, as estratégias seguidas pelo Estado, combinadas com políticas de desenvolvimento e infraestrutura, colocaram a China na vanguarda da economia mundial. Conseqüentemente, o Estado chinês tornou-se a segunda maior economia global, desafiando o modelo de desenvolvimento liberal e gerando um grande impacto no mundo. Desse modo, embora o sistema político e econômico não esteja isento de críticas, o seu sucesso em transformar-se num país tecnologicamente poderoso é exemplo para outros países.

3 A INTERNACIONALIZAÇÃO DO RENMINBI: CONCEITO E OBJETIVO

O presente capítulo aprofunda a análise do uso internacional das moedas, com foco especial no renminbi. A partir da definição de moeda internacional e dos requisitos para sua utilização, o capítulo explora os fatores que influenciam a internacionalização de uma moeda, como aspectos econômicos, políticos e institucionais. Em seguida, realiza uma análise do caso do renminbi, examinando seu uso tanto no âmbito público quanto no âmbito privado. Com isso, o objetivo é compreender as dinâmicas que impulsionam a internacionalização do renminbi e as implicações dessa ascensão para o sistema monetário internacional.

3.1 Definição de internacionalização de uma moeda

Conforme a análise de Aglietta (1986), no Sistema Monetário Internacional nunca existiu um moeda internacional, ou seja, emitida e administrada por uma instituição supranacional. Entrando, isso não impede a utilização de moedas específicas nacionais nas transações comerciais globais. Embora, se todas as moedas nacionais fossem utilizadas, o sistema financeiro global, as transações seriam muito mais complexas e instáveis. Dessa forma, a adesão de uma ou algumas moedas de referência internacional desempenhou um papel crucial no desenvolvimento do comércio global, assim como as moedas nacionais fazem no âmbito doméstico.

Dessa maneira, de acordo com o argumento de Aglietta (1979), embora a globalização possa levar a uma maior utilização de diversas moedas no comércio internacional, forças

políticas e econômicas mais poderosas fazem com que algumas moedas se destaquem, criando uma hierarquia no Sistema Monetário Internacional. Essa hierarquia se baseia em fatores como o poder econômico dos países, a história e acordos internacionais.

Com isso, a utilização de moedas em transações internacionais é regulada por um conjunto de normas que determinam e compõem o funcionamento do Sistema Monetário Internacional. Esse sistema é estruturado por regimes cambiais, infraestrutura de mercado e instituições financeiras como bancos centrais, Banco de Compensações Internacionais (BIS) e Fundo Monetário Internacional (FMI) (Cintra; Martins, 2013). Conforme argumenta Guillaumin e Plihon (2008), os principais objetivos do Sistema Monetário internacional são: i) promover e facilitar a circulação de moedas no cenário internacional, respeitando os regimes cambiais vigentes; ii) permitir o ajuste dos balanços de pagamentos; iii) garantir a liquidez internacional, fornecendo a moeda necessária para atender as demandas e transações globais.

De acordo com Prates (2002), existem três dimensões fundamentais para a caracterização do Sistema Monetário Internacional: o regime cambial, a mobilidade de capitais e a natureza da moeda internacional. Durante o sistema Bretton Woods, que esteve em vigor entre 1945 a 1973, existiam regras impostas a todos os países signatários com relação a esses três eixos, uma vez que as taxas de câmbio eram fixas em relação ao dólar, o dólar representava o papel de moeda-chave do sistema e a mobilidade de capitais era restrita. Consequentemente, isso representava um modelo contrastante com os regimes cambiais flutuantes e a maior liberdade de movimento de capitais predominantes no período pós-Bretton Woods. Com o fim do acordo, os Estados passaram a possuir maior autonomia, do ponto de vista formal, para escolher os regimes cambiais e o grau de abertura financeira, conseguindo assim decidir reduzir ou eliminar barreiras sobre a mobilidade de fluxo financeiro através das fronteiras nacionais.

3.2 O uso internacional das moedas

Uma moeda é definida como moeda internacional, quando o uso dessa se estende para fora de seu país de origem, sendo utilizada em transações internacionais (CHEY, 2013). De acordo com Cohen (1971) e Frankel (2012), uma moeda pode ser considerada internacional quando cumprir certos requisitos de uso; meio de pagamento; unidade de conta; reserva de valor. Através da taxonomia de Cohen (1971) que fornece uma base sólida para analisar as funções da moeda, divide-se em categorias para o uso privado e público. Essa distinção entre

privado e governamental acontece pois as empresas e o Estado demandam moedas estrangeiras por motivos distintos. As empresas, principalmente para realizar transações comerciais, e as instituições governamentais utilizam para fins mais específicos, como estabelecer taxa de câmbio, intervir no mercado cambial e compor suas reservas internacionais (Conti, Prates; Plihon, 2013).

Essa divisão é comumente utilizada pela literatura acadêmica e se mostra relevante ao estudar a internacionalização de uma moeda. Dessa forma, ao analisar a moeda renminbi, é essencial examinar como os três requisitos de uso propostos por Cohen se manifestam no âmbito governamental e privado.

Quadro 1: Dimensões da Moeda Internacional

FINALIDADE DA MOEDA	USO PÚBLICO	USO PRIVADO
Reserva de valor	Reserva monetária	Moeda de investimento
Meio de pagamento	Moeda de intervenção no mercado de câmbio	Moeda de liquidação para o comércio de mercadorias e ativos financeiros
Unidade de conta	Moeda de Referência (âncora)	Moeda de denominação para o comércio de bens e ativos financeiros

Fonte: Cohen (1971) e Frankel (2002).

Embora várias moedas possam ser utilizadas nas transações internacionais, existe uma hierarquização entre as moedas que desempenham um papel secundário e as moedas que desempenham um papel central nas transações financeiras internacionais (Chey, 2013; Cohen, 2011). Entretanto, a internacionalização de uma moeda depende de mais fatores do que apenas sua conversibilidade. A existência de um mercado financeiro desenvolvido, com mecanismos institucionais sólidos, é essencial. Dessa forma, são os fatores políticos e econômicos que, em última análise, definem quais moedas serão utilizadas no comércio internacional (Aglietta, 1979 apud Conti, Prates; Plihon, 2013).

Para que uma moeda se torne internacional, o país emissor deve atender a três requisitos fundamentais. Primeiramente, o país precisa ter uma economia de grande porte e estar altamente integrado ao comércio e às finanças globais, o que pode ser medido pelo Produto Interno Bruto (PIB) e pela participação em transações internacionais. Em segundo

lugar, é essencial que haja confiança na estabilidade da moeda, ou seja, que a inflação e as taxas de câmbio sejam controladas. Por fim, a existência de mercados financeiros robustos e acessíveis, tanto no país de origem quanto em outros centros financeiros, é crucial. A profundidade desses mercados pode ser avaliada pelo valor dos ativos financeiros denominados na moeda e pela participação de investidores estrangeiros nesses ativos (Andrade e Cunha, 2010; Chey, 2013; Conti, Prates e Plihon, 2013; Helleine, 2008).

A internacionalização de uma moeda não é determinada apenas por fatores econômicos, mas também por fatores políticos que podem influenciar de maneira direta ou indireta. Por exemplo, as políticas fiscal e monetária de um país afetam diretamente a inflação e a taxa de câmbio, enquanto o marco regulatório influencia a operação dos mercados financeiros. Além disso, a política externa pode expandir ou contrair a rede de transações internacionais de um país, impactando indiretamente sua moeda (Chey, 2013; Helleiner, 2008). Além da influência indireta das políticas, a internacionalização de uma moeda também sofre influência direta de fatores políticos. O poder geopolítico de um país, embora difícil de medir, é um fator determinante. Países com maior poder na arena internacional, seja militar, econômica ou cultural, têm mais capacidade de influenciar outros países a adotarem sua moeda. Outro fator importante é o voluntarismo político, ou seja, a decisão consciente de um Estado de promover ou restringir o uso internacional de sua moeda. Essa decisão está ligada à posição internacional do país e às suas prioridades políticas (Chey, 2013; Conti, Prates e Plihon, 2013).

É importante ressaltar que nenhum dos determinantes apresentados isoladamente garante a internacionalização de uma moeda. Uma moeda pode desempenhar um papel internacional, mesmo que não possua todos os atributos ideais, ou pode não ser amplamente utilizada, apesar de apresentar vários desses atributos. A importância relativa de cada determinante varia de acordo com o contexto histórico e as características específicas de cada moeda. Moedas como o franco suíço, o iene japonês e o renminbi ilustram essa complexidade. Embora esses determinantes sejam importantes para o destaque de uma moeda-chave no cenário internacional, a utilização de uma moeda não é um processo linear e depende de fatores históricos e das configurações passadas do sistema monetário (Chey, 2013; Cohen, 2011; Conti, Prates e Plihon, 2013).

A diversidade de moedas emitidas por diferentes países é fundamental para o funcionamento do sistema monetário internacional, uma vez que não existe um banco central

mundial. Contudo, os benefícios que um país obtém ao ter sua moeda utilizada internacionalmente não são tão claros e podem variar em diferentes contextos. Para analisar esses benefícios, os estudos econômicos geralmente utilizam uma abordagem de custo-benefício, considerando tanto os aspectos econômicos quanto os políticos envolvidos no processo (Chey, 2013). Por conseguinte, a conversibilidade de uma moeda, ou seja, a facilidade com que ela pode ser trocada por outras moedas, traz consigo custos econômicos. A demanda por uma moeda conversível tende a ser mais volátil, o que dificulta o controle da política monetária e aumenta o risco de crises, como demonstrado pela experiência japonesa dos anos 1980 e 1990 (Andrade; Cunha, 2010; Chey, 2013). Além disso, a defesa da posição internacional de uma moeda pode exigir o sacrifício de objetivos domésticos, como o controle da inflação ou o crescimento econômico, em favor da manutenção do status internacional da moeda (Chey, 2013; Cohen, 2011). A negociação em torno da libra esterlina como reserva internacional é um exemplo claro dessa situação. Quanto maior a importância sistêmica de uma moeda, maiores são as expectativas e os custos associados à sua manutenção, criando uma espécie de responsabilidade tácita do país emissor para com o bom funcionamento do sistema monetário internacional.

Em contrapartida, embora a internacionalização de uma moeda traga custos, também proporciona benefícios para o país emissor. Em nível microeconômico, facilita as transações internacionais, reduz custos e riscos para empresas e bancos. Em nível macroeconômico, gera ganhos de senhoriagem, ou seja, o país pode emitir moeda com baixo custo e trocá-la por bens e serviços de outros países. Além disso, a capacidade de financiar déficits externos em sua própria moeda confere maior flexibilidade à política econômica (Andrade; Cunha, 2010; Cohen, 2011; Chey, 2013).

Considerando o exposto, a emissão de uma moeda internacional é um poderoso instrumento de política externa. Os Estados Unidos, por exemplo, utilizam o dólar para influenciar o comportamento de outros países e para evitar ajustes dolorosos em sua própria economia. Esse fenômeno, conhecido como "privilegio exorbitante", confere aos EUA uma posição de destaque no sistema monetário internacional (Eichengreen, 2011). As ferramentas à disposição de um país com uma moeda internacional incluem a coerção, a manipulação de percepções e a alteração das regras do jogo (Chey, 2013; Cohen, 2011; Kirshner, 1997).

Embora existam diversas moedas no mundo, poucas desempenham todas as seis funções de uma moeda internacional em escala global. O dólar estadunidense se destaca como

a única moeda que atende a todos esses requisitos. O euro e o iene, por exemplo, também exercem algumas dessas funções, mas sua influência se concentra em regiões específicas (Chey, 2013). No caso do renminbi, a moeda chinesa tem buscado se internacionalizar, expandindo sua gama de funcionalidades, conforme demonstra a literatura revisada neste artigo, que descreve as principais estratégias adotadas pelo governo chinês no processo de internacionalização de sua moeda.

Assim como uma moeda utilizada apenas no mercado interno, o renminbi desempenha diversas funções no cenário internacional. Ele serve como meio de troca em transações comerciais com outros países e como moeda intermediária no mercado de câmbio, reduzindo custos e intermediando transações. Além disso, atua como unidade de conta para precificação de ativos financeiros, bens e serviços, e como âncora cambial. Por fim, o renminbi é utilizado como reserva de valor, compondo fundos de investimento e reservas cambiais oficiais.

3.2.1 A taxonomia aplicada ao renminbi - Uso Público

Aplicando o conceito de taxonomia definido por Cohen (1971) em relação à utilização do renminbi, inicialmente examina-se o uso da moeda para o uso público. Por mais que a China esteja vivendo uma grande ascensão econômica, o renminbi ainda desempenha um papel limitado como moeda de reserva internacional. Em contrapartida, alguns bancos centrais começaram a utilizar a moeda chinesa como reserva. O pioneiro dessa ação foi o Banco Central das Filipinas, que em 2006, aceitou a moeda como reserva, e após isso, bancos de Belarus, Malásia, Coreia do Sul, Camboja e Nigéria também passaram a aceitar o renminbi como moeda de reserva. Posteriormente, a primeira vez que um país desenvolvido aceitou usar o renminbi foi em 2012, quando o Ministério das finanças do Japão obteve permissão chinesa para comprar até RMB 65 bilhões como moeda reserva (Bowles; Wang, 2013), depois disso, em 2017, o Banco Central Europeu também adicionou a moeda chinesa em suas reservas internacionais.

Conforme dados do Fundo Monetário Internacional (IMF, 2024), o montante total de reservas internacionais em renminbi experimentou um crescimento significativo de 77,8% entre 2017 e o terceiro trimestre de 2019, atingindo a marca de US\$219,62 bilhões. Em 2017, esse valor corresponde a US\$123,47 bilhões. A ascensão da moeda chinesa, embora ainda esteja em uma posição secundária em relação ao dólar, é evidente no crescimento de sua utilização global. Em junho de 2024, o renminbi já era a quarta moeda mais utilizada nos

pagamentos internacionais, com 4,6%, enquanto o dólar mantinha sua hegemonia com 47,1% (Bloomberg, 2024).

Concomitantemente ao desenvolvimento do renminbi, houve um intenso debate sobre a possibilidade de incluir essa moeda na composição dos Direitos Especiais de Saque (SDR), o ativo de reserva internacional criado pelo FMI em 1969. O valor do SDR é calculado com base em uma cesta de moedas, entre as quais o dólar estadunidense, o iene, o euro e a libra esterlina. Com o intuito de refletir as mudanças na economia global, o FMI revisa periodicamente a composição dessa cesta e em dezembro de 2015, o Fundo decidiu incluir o renminbi, concedendo-lhe uma participação de 10,92% a partir de outubro de 2016, posicionando a moeda chinesa como a terceira mais importante na cesta, atrás apenas do dólar e do euro (IMF, 2024).

Prosseguindo com a análise do uso público, como meio de pagamento, a fim de promover o uso internacional do renminbi, a China tem estabelecido acordos de *swap* com mais de 38 países desde 2008. Esses acordos, que são mais comuns na Ásia Central (15 acordos) e na Europa (11 acordos), permitem que os bancos centrais desses países troquem suas moedas pelo renminbi, aumentando a liquidez da moeda chinesa em suas respectivas economias. Essa liquidez é crucial para facilitar as transações comerciais e financeiras em renminbi, especialmente em regiões onde a moeda chinesa ainda não é amplamente utilizada. Além disso, as linhas de *swap* podem servir como um mecanismo de estabilização dos mercados financeiros em momentos de crise, uma vez que ter acesso a fundos em renminbi é crucial durante uma crise, e, sem esse acesso, as autoridades locais hesitaram em permitir que bancos e empresas residentes se expusessem ao renminbi. Em diversas regiões, especialmente em Hong Kong, a linha de *swap* do Banco Central chinês é frequentemente usada pela autoridade monetária local como uma forma de aumentar a liquidez dos mercados locais em renminbi e estimular transações comerciais e financeiras na moeda (Cohen, 2012; Eichengreen; Lombardi, 2017). Por meio dos acordos de *swap*, o renminbi também pode ser utilizado como moeda de referência (Huang *et al.*, 2014) ou como incentivo para que bancos centrais estrangeiros o adotem como parte de suas reservas internacionais (Yongding, 2014). Na tabela 1, está incluída a lista de países com os quais esses acordos foram firmados, incluindo suas renovações até o final de 2023.

Tabela 1 : Principais Centros Offshore Renminbi

País	Cidade	Data	Banco
China SAR (<i>Special Administrative Region</i>)	Hong Kong	12.2009	PBOC/HKMA Autoridade Monetária de Hong Kong
China SAR (<i>Special Administrative Region</i>)	Macau	08.2010	Bank of China
China (Taiwan)	Taipei	12.2012	Bank of China
Cingapura	Cingapura	04.2013	Industrial and Commercial Bank of China
Reino Unido	Londres	06.2014	China Construction Bank
Alemanha	Frankfurt	06.2014	Bank of China. Deutsche Bank AG*
Coreia do Sul	Seul	07.2014	Bank of Communications
França	Paris	09.2014	Bank of China
Luxemburgo	Luxemburgo	09.2014	Industrial and Commercial Bank of China
Qatar	Doha	11.2014	Industrial and Commercial Bank of China
Canadá	Toronto/Vancouver	11.2014	Industrial and Commercial Bank of China
Malásia	Kuala Lumpur	11.2009	Bank of China
Austrália	Sydney	11.2014	Bank of China
Tailândia	Bangkok	01. 2015	Industrial and Commercial Bank of China
Hungria	Budapeste	06.2015	Bank of China
África do Sul	Johannesburg	07.2015	Bank of China
Argentina	Buenos Aires	09.2015	Industrial and Commercial Bank of China
Suíça	Zurique	11.2015	China Construction Bank
Chile	Santiago	05.2016	China Construction Bank
Irlanda	Dublin	12.2016	Shenzhen Connect
Estados Unidos	Nova Iorque	09. 2016 02.2018	Bank of China. JP Morgan Chase Bank*
Emirados Árabes	Dubai	12.2016	Agricultural Bank of China
Rússia	Moscovo	03.2017	Industrial and Commercial Bank of China
Japão	Tóquio	10.2018	Bank of China. MUFG Bank (Mitsubishi)*

*bancos não chineses

Fonte: SWIFT (2017), PBOC.

Em conclusão, a literatura disponível ainda é bastante vaga quanto ao uso do renminbi como unidade de conta internacional. O processo de internacionalização dessa moeda é muito recente em comparação com o de outras, como o dólar, o euro e o iene. No entanto, olhando para o futuro, o renminbi deve desempenhar um papel relevante nas finanças internacionais. Conforme discutido neste estudo, desde sua inclusão na cesta de moedas do FMI, o interesse pela moeda chinesa como reserva internacional tem crescido entre bancos centrais de países que mantêm relações comerciais com a China. Contudo, ainda faltam evidências e estudos mais abrangentes para confirmar se a moeda é utilizada como âncora cambial.

3.2.2 A taxonomia aplicada ao renminbi - Uso privado

O uso privado de uma moeda como meio de pagamento é chamado por Krugman (1984) de "moeda veicular". Nas transações internacionais, nem todas as moedas são aceitas, e apenas algumas podem desempenhar essa função em escala global. Nos intercâmbios econômicos entre dois países desenvolvidos, estudos indicam que a moeda utilizada costuma ser a do país exportador (Goldberg e Tille, 2005). No entanto, quando um país central negocia com um país periférico, a moeda usada é sempre a do país central, seja ele o exportador ou o importador. Um padrão interessante ocorre nas transações entre dois países periféricos: como nenhum dos dois reconhece a moeda de seu parceiro comercial como internacionalmente aceita, recorrem a uma moeda intermediária com função global — geralmente o dólar —, mesmo que o emissor dessa terceira moeda não tenha relação direta com o negócio. Krugman (1984) aponta que, em operações interbancárias, o dólar está presente em quase todas as transações, independentemente da nacionalidade dos bancos envolvidos.

Quanto ao uso por atores privados, a utilização do renminbi como reserva de valor pode ser explicada pelo volume de investimentos em ativos dentro e fora da China. O primeiro passo da China foi, em 2003, autorizar o Banco da China em Hong Kong a aceitar depósitos em renminbi. Com esse movimento inicial, Hong Kong se tornou um importante centro financeiro *offshore*⁵ para a China, oferecendo produtos e serviços denominados em renminbi.

Devido ao seu enorme potencial, os negócios em renminbi fora da China atraíram a atenção de diversos centros financeiros globais. Assim, a China expandiu sua atuação, firmando tratados de compensação de operações internacionais com mais de 25 centros

⁵ Empresas ou investimentos offshore são aqueles estabelecidos fora do território nacional de um país. Em outras palavras, trata-se de uma empresa registrada em um país estrangeiro, mas que normalmente opera fora do país onde foi registrada. Essas empresas seguem as leis e regulamentações do país de registro.

financeiros (Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication, 2019). Até 2013, apenas Hong Kong estava autorizado a operar em renminbi. Atualmente, os principais centros offshore para a moeda são, em ordem, Hong Kong e Londres e Cingapura (Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication, 2018b). O papel desses centros financeiros é crucial para o processo de internacionalização da moeda. O banco designado pela autoridade monetária chinesa, com aprovação da autoridade monetária local, tem acesso ao mercado *offshore* de renminbi, oferecendo produtos e serviços nessa moeda, como a abertura de contas na moeda chinesa para bancos e empresas locais ou da região. Isso facilita o uso do renminbi em pagamentos e recebimentos com a China continental, com Hong Kong e com outros centros *offshore*.

O volume de transações na moeda chinesa nesses 25 centros financeiros alcançou aproximadamente RMB 316,61 trilhões (US\$445,6 bilhões), com a participação de cerca de 886 bancos ao redor do mundo.

Ainda no que tange ao uso privado do renminbi como meio de troca ou de pagamento, o primeiro passo foi dado pela China em 2009, com o lançamento de um programa piloto chamado “*renminbi cross-border settlement*”⁶, que permitia o uso da moeda em transações de comércio internacional. Inicialmente, o programa autorizava apenas empresas localizadas em cinco grandes cidades chinesas, mas em 2010 foi ampliado para incluir empresas em mais de 20 províncias e, posteriormente, estendido a todo o país. Em junho de 2012, todas as empresas chinesas com licença para exportar e/ou importar foram autorizadas a utilizar o renminbi no pagamento e recebimento de suas operações de comércio internacional (Cohen, 2012).

Além disso, o ano de 2019 marcou um novo recorde para as transações internacionais em renminbi da China, alcançando a cifra de RMB 5,11 trilhões (US\$719,2 bilhões). Desse total, as operações de comércio de mercadorias responderam por RMB 3,66 trilhões (US\$515,1 bilhões), o que representa cerca de 11,1% do comércio exterior chinês. Esses números demonstram o crescente papel do renminbi nas transações internacionais e a consolidação da moeda chinesa como uma alternativa ao dólar americano.

⁶ É um sistema de pagamento que permite transações internacionais diretamente na moeda chinesa.

3.3 Determinantes do uso das moedas

De acordo com Cintra e Martins (2013), existem cinco determinantes que são utilizados como fatores do uso da moeda no cenário internacional: tamanho da economia, poder geopolítico, voluntarismo político, estabilidade institucional e indicadores macroeconômicos. Faremos uma análise desses cinco indicadores para a China.

3.3.1 Tamanho da economia

O tamanho da economia nacional de um país emissor é fundamental na determinação de seu uso internacionalmente. Não poderia ser diferente, pois a quantidade de moeda em uma economia está ligada à sua dimensão e, normalmente, quanto maior a economia, mais significativos são os recursos que transaciona com o restante do mundo. Em geral, os países cujas moedas têm funções internacionais possuem, de fato, um Produto Interno Bruto (PIB) superior à média mundial. O PIB chinês em 2022 representou aproximadamente 17,86% do PIB mundial, de acordo com (Worldometer, 2022), isto representa um dos fatores explicativos do renminbi ter se tornado a segunda moeda mais usada no comércio global, de acordo com relatórios do The People's Bank of China (2023). Ademais, desde 2016, de acordo com o Banco Mundial, a China é a maior economia do mundo, medida em PIB por paridade de poder de compra, além de ser o principal parceiro comercial da maioria dos países do mundo. Portanto, neste quesito, a China aparece em primeiro lugar globalmente.

3.3.2 Poder geopolítico

O poder geopolítico é outro aspecto destacado por Cintra e Martins (2013), como um determinante do uso internacional da moeda, ou seja, é o poder que o país emissor detém sobre os outros países no cenário político mundial. As relações geopolíticas são as relações de poder que revelam uma hierarquia, na qual alguns países conseguem impor suas preferências sobre as dos demais. Em questões monetárias, os países mais poderosos podem influenciar o uso de suas moedas em outras nações, embora, ao contrário do que ocorre em âmbito nacional, essa influência é exercida de forma implícita. Dessa maneira, o poder geopolítico incentiva o uso de determinada moeda de duas maneiras: diretamente, por meio da confiança que agentes depositam em uma moeda emitida por um Estado influente; e indiretamente, através do impacto desse poder sobre variáveis econômicas essenciais, como a rede de transações comerciais e as características do mercado financeiro do país emissor.

O poder geopolítico de cada país não é algo que pode ser medido com precisão, mas é possível identificar os países mais influentes do cenário mundial através da sua participação em grupos políticos que podem intervir no contexto global. A tabela/quadro apresenta alguns grupos políticos internacionais que refletem essa percepção, destacando o país mencionado ao longo deste trabalho. Apesar de não ser possível medir com precisão este poder, é perceptível que a China tem exercido influência crescente nos âmbitos de discussão de que participa, como o BRICS, a Organização para a Cooperação de Xangai (SCO), o projeto da Nova Rota da Seda, o G-20, o Conselho de Segurança da ONU, a Asia-Pacific Economic Cooperation (APEC), o Regional Comprehensive Economic Partnership (RCEP), o China-Pakistan Economic Corridor (CPEC).

Outro exemplo do poder geopolítico dos países está no peso de seus votos na Assembleia de Governadores (Board of Governors) do FMI, o órgão decisório máximo da instituição. Esse poder de voto está associado às cotas de Direitos Especiais de Saque (DES) que os países possuem no Fundo. A China representa a terceira maior cota, logo após os EUA e o Japão.

Tabela 2: Cotas e poder de voto no Fundo Monetário Internacional (Nov, 2024)

	Quotas	Votos
	(DES milhões)	(% do total)
Estados Unidos	82.994	16.49
Japão	30.820	6.14
China	30.482	6.08
Alemanha	26.634	5.31
Reino Unido	20.155	4.03
Índia	13.114	2.63
Rússia	12.903	2.59
Brasil	11.042	2.22
Canadá	11.023	2.22
Arábia Saudita	9.992	2.01

Fonte: [Fundo Monetário Internacional](#) (FMI, 2024).

Por fim, é importante ressaltar que o poder geopolítico está também diretamente ligado à capacidade militar de cada país. Embora, no cenário internacional, os governos nacionais não possuam o “monopólio da força” como ocorre dentro de seus próprios territórios, essa capacidade militar influencia significativamente o equilíbrio de poder entre os países. Os rankings de poderio militar nacional podem variar, mas, em geral, posicionam os Estados Unidos em primeiro lugar, com a China em segundo ou terceiro lugar, como pode ser visto na tabela.

Tabela 3: Poder militar (2024)

	Posição
Estados Unidos	1°
Rússia	2°
China	3°
Índia	4°
Coreia do Sul	5°
Reino Unido	6°
Japão	7°
Turquia	8°

Fonte: [Global Fire Power](#) (2024).

Fica claro, portanto, que por mais que os Estados Unidos continuem sendo, o país mais influente no cenário político internacional, a China emergiu como uma potência cada vez mais influente, principalmente devido à relevância econômica que alcançou nas últimas décadas. Com uma economia robusta e amplamente integrada ao comércio global, a China passou a exercer um grande poder de voz, não apenas em organizações internacionais, mas também em relações bilaterais de peso.

3.3.3 Voluntarismo político

Em vista disso, um país que dispõe das condições favoráveis citadas acima para a internacionalização da moeda, pode intervir no processo por meios de políticas públicas. Em consideração à possibilidade de ter sua moeda utilizada no cenário internacional, as autoridades do governo podem seguir as seguintes atitudes: incentivar ativamente o uso da moeda em outros países, ou seja, oferecer condições favoráveis para que as empresas usem

esse dinheiro fora do país; adotar uma postura neutra; ou intervir no sentido de evitar que a moeda seja usada no cenário internacional.

Outro ponto importante para o voluntarismo político é o poder geopolítico do país, que de forma sutil pode influenciar o uso da moeda nacional por outros países e instituições multilaterais. Embora essa influência não seja explícita como dentro de suas fronteiras, utilizam variados meios de persuasão e estratégias para reforçar e para acelerar o processo de internacionalização. Na China, por exemplo, agências como a State Administration of Foreign Exchange (SAFE) implementam, de modo experimental, normas mais flexíveis em áreas como Xangai, Hong Kong e Macau antes de expandi-las globalmente.

3.3.4 Instituições fortes e Indicadores macroeconômicos

A bibliografia destaca a importância de uma institucionalidade adequada para a internacionalização das moedas. Entretanto, nota-se que através desse conceito há duas abordagens distintas. A primeira delas, é mais geral, e corresponde a instituições internacionais como o Banco Mundial e FMI, que acreditam que para um país ter sucesso na internacionalização da moeda, é preciso ter instituições fortes, com leis, bancos e políticas confiáveis e eficientes. A segunda abordagem é mais específica, e corresponde ao fato de que para uma moeda se internacionalizar é preciso que essas instituições possuam características próprias que ajudem a alcançar esse objetivo, colaborando para que a moeda possa ser utilizada em âmbito internacional.

Porém, essa estrutura institucional mais ampla não determina, por si só, o uso internacional de uma moeda. A segunda abordagem, derivada da primeira, foca aspectos mais específicos, como a abertura de mercados financeiros e cambiais, o que é essencial para a internacionalização de uma moeda, mas não é suficiente. Em termos de importância, o tamanho da economia e o poder geopolítico dos países influenciam muito mais quais moedas serão aceitas globalmente.

Além disso, entende-se que moedas usadas internacionalmente são aquelas emitidas por países com políticas econômicas responsáveis. Isso inclui estabilidade macroeconômica, disciplina fiscal, política monetária transparente e balanço de pagamentos controlados. No entanto, a realidade não corrobora essa hipótese. Considerando que, países periféricos são incentivados a seguir essas políticas para ganhar credibilidade no mercado, no entanto, os países centrais frequentemente ignoram essas recomendações.

O Partido Comunista Chinês, que lidera a China, tem demonstrado ao mundo que o país possui instituições fortes e dados macroeconômicos entre os melhores do mundo, com crescimento constante há mais de quatro décadas, inflação controlada, redução da pobreza e liderança em vários setores de tecnologia de ponta.

Conclui-se que o renminbi está em um processo de internacionalização, impulsionado por políticas governamentais e pelo crescimento da economia chinesa. Isso pode ser constatado durante as negociações entre a empresa francesa Total Energies e a estatal chinesa China National Offshore Oil Corporation (CNOOC), em 2023. Essas duas empresas acordaram realizar a primeira transação paga em renminbi. Foi a primeira vez que uma empresa ocidental aceitou fazer o pagamento por moeda chinesa (China 2 Brazil, 2023). Essa afirmação se baseia na análise dos fatores que impulsionam e desafiam a internacionalização do renminbi, bem como nas implicações dessa tendência para a ordem monetária internacional. No entanto, a trajetória futura da moeda chinesa ainda é incerta e dependerá de diversos fatores, como a evolução da geopolítica internacional, as reformas econômicas na China e as decisões de política monetária dos principais bancos centrais. Devido a isto, as próximas décadas prometerão ser um período de transformação no Sistema Monetário Internacional, com o renminbi desempenhando um papel cada vez mais relevante.

4 ESTRATÉGIA CHINESA PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DO RENMINBI

A partir das considerações anteriores, é possível perceber que o modelo de crescimento adotado pela China, a partir de 1978, gerou resultados positivos em relação ao crescimento do PIB, o crescimento da mão de obra especializada, o crescimento da produtividade e o aumento dos salários (Naughton, 2007). No entanto, o progresso desse modelo exige estratégias que facilitem a internacionalização do renminbi. Entre essas estratégias abrangem, principalmente, a manutenção de taxas de juros comerciais baixas, determinadas independentemente do mercado internacional, bem como a continuidade das políticas de direcionamento de crédito e de investimento (McCauley, 2011).

O início do processo de internacionalização do renminbi coincide com a adesão do país à Organização Mundial do Comércio, em 2001 (Andrade e Cunha, 2011; Mendonça, 2015). Paralelamente a isso, o governo chinês implementou a política de “Going Global”, que incentivou a internacionalização de grandes empresas chinesas (Cintra e Martins, 2013; Cintra

e Silva Filho, 2015). Desde então, houve um aumento significativo nos fluxos financeiros entre o país e o exterior. Os saldos em moeda chinesa fora da China cresceram, assim como a participação estrangeira no mercado financeiro doméstico. A primeira medida de impacto foi a criação de um programa que concedia acesso ao mercado de títulos chinês a um selecionado grupo de investidores internacionais.

Em meados de 2009, ainda sobre o contexto da crise financeira de 2008, a China estabeleceu acordos de *swap* com vários bancos centrais. O objetivo desses acordos era fornecer fundos aos parceiros comerciais para que pudessem manter suas importações de produtos chineses, que estavam sendo impactadas pela escassez de liquidez internacional. Desde então, essa rede de acordos bilaterais foi se expandindo, sendo influenciada também por questões geopolíticas: muitas das novas linhas de swaps foram firmadas com países que não são grandes parceiros comerciais ou que não possuem expressivo peso econômico, mas que têm interesse político em reter renminbi (Cintra e Martins, 2013; Prasad, 2016).

Ainda em 2009, foi implementado uma das mais significativas iniciativas em relação à internacionalização da moeda chinesa, o programa piloto de Renminbi Cross-border Settlement, que permitia às empresas das regiões selecionadas a possibilidade de compensar suas operações com países específicos utilizando a moeda nacional, por meio de bancos públicos.

A competência de realizar transações comerciais e o considerável volume dessas operações pela China resultaram no acúmulo de fundos em renminbi fora do país, que tinham poucas opções de aplicação além do mercado restrito em Hong Kong. Dessa forma, a introdução do programa piloto fomentou a atividade naquele mercado offshore (Cintra e Martins, 2013; Eichengreen e Kawai, 2014). A partir desse ponto, o mercado experimentou um crescimento significativo. Em 2010, empresas não financeiras chinesas e multinacionais operando no continente foram autorizadas a emitir títulos em renminbi em Hong Kong (Cohen, 2012), e uma conexão mais direta entre essas empresas e o mercado financeiro doméstico foi estabelecida: fundos em moeda chinesa passaram a ser transferíveis para o sistema financeiro doméstico, e os bancos comerciais que atuam na ilha ganharam acesso ao mercado interbancário chinês (Andrade e Cunha, 2011; Cintra e Martins, 2013).

Desde 2022, o Banco Popular da China (PBOC) tem implementado as decisões do Partido Comunista Chinês (PCC), buscando progresso enquanto garante estabilidade. Para isso, o PBOC se comprometeu a promover a internacionalização do renminbi de forma

ordenada, estabelecendo uma nova dinâmica de desenvolvimento e promovendo o desenvolvimento de alta qualidade. Como resultado, a internacionalização da moeda chinesa tem avançado de forma consistente, apresentando uma série de novos progressos e mudanças (The People 's Bank of China, 2023).

As organizações institucionais para os negócios transfronteiriços em renminbi foram aprimoradas, acompanhadas pelo fortalecimento das sinergias entre a moeda chinesa e as moedas estrangeiras. Além disso, o impulso autogerado das empresas para utilizar a liquidação transfronteiriça em renminbi, a fim de proteger-se contra riscos de incompatibilidade de moedas, também foi fortalecido.

Em 2022, o valor total da liquidação transfronteiriça em renminbi realizada por bancos em nome de seus clientes alcançou RMB 42,1 trilhões, representando um aumento anual de 15,1%. O comércio de bens utilizando a liquidação transfronteiriça em renminbi foi responsável por 18,2% do total dessas liquidações no mesmo período. Nos primeiros nove meses de 2023, a liquidação transfronteiriça em moeda chinesa totalizou RMB 38,9 trilhões, com um aumento anual de 24%. Durante esse período, a liquidação transfronteiriça de mercadorias em renminbi correspondeu a 24,4% do total de liquidações transfronteiriças de mercadorias, marcando um aumento de 7 pontos percentuais em relação ao mesmo período do ano anterior, alcançando assim o nível mais alto já registrado (The People's Bank of China, 2023).

Adicionalmente, a função do renminbi como moeda de financiamento melhorou significativamente. Com a introdução sucessiva de políticas sobre empréstimos no exterior por bancos nacionais e a emissão de títulos nacionais por instituições estrangeiras, o ambiente para investimento e financiamento do renminbi continuou a se aprimorar. No final de 2022, o valor em circulação de títulos de dívida internacional do renminbi, publicados pelo Banco de Compensações Internacionais (BIS), atingiu 173,3 bilhões de dólares, colocando a moeda na sétima posição do ranking, com um avanço de duas posições em relação ao ano anterior. De acordo com as estatísticas da Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication (SWIFT), a participação do renminbi no financiamento do comércio global foi de 3,91% no final de 2022, um aumento de 1,9 pontos percentuais em relação ao ano anterior, garantindo assim o terceiro lugar. Em setembro de 2023, essa participação subiu para 5,8%, representando um aumento de 1,6 pontos percentuais ano a ano, elevando a moeda ao segundo lugar no ranking (The People 's Bank of China, 2023).

Em 2022, o PBOC e a Autoridade Monetária de Hong Kong (HKMA) assinaram um acordo de swap permanente e expandiram seu tamanho, aprofundando ainda mais a cooperação financeira entre a China continental e a Região Administrativa Especial de Hong Kong (RAE). Desde então, novos bancos de compensação de renminbi foram estabelecidos em Laos, Cazaquistão, Paquistão e Brasil, permitindo uma otimização consistente da rede de compensação de renminbi no exterior. No final de 2022, o saldo de depósitos de moeda chinesa nos principais mercados offshore atingiu cerca de RMB 1,5 trilhão, estabelecendo um novo recorde. Além disso, uma pesquisa do BIS de 2022 revelou que a participação do renminbi em transações de câmbio nos mercados globais aumentou de 4,3% para 7% nos últimos três anos, elevando sua classificação de oitavo para quinto lugar.

Para compreender melhor as estratégias adotadas pela China, é fundamental reconhecer que, desde 2009, o país tem implementado uma série de medidas para impulsionar o uso global de sua moeda, tanto em transações comerciais quanto financeiras. O objetivo dessas iniciativas é reduzir a dependência de moedas estrangeiras, como o dólar, e fortalecer a posição chinesa na economia global. A seguir, por meio de uma tabela, serão destacados os principais acontecimentos e iniciativas que marcaram o processo de internacionalização do renminbi, organizados cronologicamente para facilitar a visualização de seu progresso ao longo dos anos.

Na tabela, são apresentadas as estratégias políticas implementadas pela China para promover o uso do renminbi, bem como seus impactos. Após destacar as melhorias significativas em função da moeda, como o aumento da liquidez nos mercados offshore e a expansão dos acordos de swap, exploraremos as iniciativas estratégicas que o governo chinês tem adotado para consolidar o renminbi como uma moeda de reserva global. Esta tabela apresenta as políticas que facilitam empréstimos em renminbi por bancos nacionais, a emissão de títulos internacionais e a criação de uma infraestrutura financeira robusta que suporte a adoção da moeda em comércio e investimentos internacionais.

Tabela 4: Medidas para internacionalização do RMB

Ano	Estratégia para internacionalização do RMB	Impacto
2009	Lançamento do programa piloto de <i>Renminbi Cross-border Settlement</i>	O programa permitiu que algumas empresas localizadas em cinco grandes cidades chinesas usassem o RMB em transações comerciais internacionais. Este foi o primeiro passo significativo na internacionalização da moeda
	Início dos acordos bilaterais de <i>swap</i>	–
2010	PBOC expande o programa <i>Renminbi Cross-border Settlement</i>	O programa foi ampliado permitindo um maior número de empresas chinesas a realizarem transações em RMB
	Autorização do Banco Popular da China (PBOC) para que o Sistema de Comércio de Câmbio da China (CEFETS) melhorasse o modo de negociação do yuan em relação ao rublo russo e houvesse negociação direta entre as duas moedas no mercado de câmbio interbancário.	Facilitar a conversão direta entre as duas moedas reforça a parceria econômica entre a China e a Rússia. Isso pode facilitar e aumentar o comércio bilateral, promovendo maior integração econômica entre os dois países
2013	Criação dos primeiros centros <i>offshore</i> de RMB	Ao assinar o Acordo de Compensação de RMB, o PBOC e o ICBC garantem que Singapura possa atuar como um centro <i>offshore</i> para o uso do RMB. Isso não apenas promove a internacionalização da moeda chinesa, mas também fortalece o papel de Singapura como um importante centro financeiro na Ásia, facilitando o comércio e investimentos entre a China e outros países que desejam utilizar o RMB em suas operações
	PBOC autorizou a filial de Singapura do ICBC a atuar como banco de compensação de RMB e as duas partes assinaram o Acordo de Compensação de RMB	–
2015	O FMI decidiu incluir o RMB na cesta de moedas do SDR. O peso do RMB na cesta do SDR é de 10,92%.	O RMB foi reconhecido oficialmente como uma moeda de reserva internacional, marcando um avanço significativo no processo de internacionalização
2017	Consolidação dos mercados <i>offshore</i> de RMB	A liquidação transfronteiriça do RMB tornou-se mais comum, com o aumento da demanda por RMB como forma de mitigação de riscos cambiais por empresas globais.
2018	O PBOC e o MOF emitiram conjuntamente as Regras Provisórias para a Administração de Emissões de Títulos por Instituições Estrangeiras no Mercado de Títulos Interbancários da China.	A fim de promover a abertura do mercado interno de títulos interbancários, regular a emissão de títulos institucionais estrangeiros e proteger os interesses legítimos dos investidores do mercado de títulos
2020	Aumento da participação do RMB no comércio internacional	O uso do RMB no financiamento do comércio global subiu para 3,1%, consolidando sua posição como uma das moedas mais utilizadas no comércio global
	O PBOC, o MOF, o CBIRC, o CSRC e o SAFE emitiram um aviso sobre o Fortalecimento Adicional do Apoio Financeiro para a Prevenção e Controle da Epidemia de Pneumonia por Novo Coronavírus (NCP)	–

2022	Acordos de swap permanentes e novos bancos de compensação	Expansão da rede de compensação de RMB com novos bancos em países como Laos, Brasil e Paquistão, fortalecendo o uso da moeda fora da China continental
2023	O PBOC, juntamente com o MOFCOM, emitiu o Aviso sobre Apoio Adicional às Empresas Estrangeiras Econômicas e Comerciais na Expansão do Uso Transfronteiriço do RMB para Facilitar o Comércio e o Investimento	Facilitando ainda mais o uso do RMB no comércio e investimento transfronteiriços e atendendo melhor às necessidades de mercado das empresas estrangeiras econômicas e comerciais para liquidação de transações, investimento e financiamento, e gestão de risco e assim por diante

Fonte: [The Peoples Bank of China](#) (2023) Elaboração Própria

Para concluir o capítulo sobre a internacionalização do renminbi, observamos que, desde 2009, a China tem implementado uma série de iniciativas estratégicas que consolidam o papel do renminbi no cenário econômico global. As políticas de incentivo ao uso do renminbi em transações transfronteiriças, a criação de acordos de swap e a emissão de títulos em mercados internacionais são apenas algumas das estratégias que fortaleceram o status da moeda. Com essas ações, a China tem buscado não apenas reduzir sua dependência do dólar, mas também ampliar a relevância do renminbi como moeda de comércio, de reserva e de financiamento global.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, que objetivou analisar o processo de internacionalização do renminbi, foi possível explorar a trajetória histórica do desenvolvimento chinês e o papel do Estado na transição econômica dos anos 1980. Esse processo, marcado pelo “despertar da China” após as reformas conhecidas como as “quatro modernizações”, foi essencial para impulsionar políticas industriais estratégicas, investimentos em infraestrutura e em educação.

Dessa maneira, é possível interpretar que um dos fatores decisivos para a transição econômica eficiente, após a Revolução Cultural, foi a postura do Estado chinês de não sucumbir à agenda liberal ocidental, promovida pelo Banco Mundial, pelo Fundo Monetário Internacional e pela Organização Mundial do Comércio. Em vez de adotar uma rápida liberalização dos preços e privatização das estatais, o governo implementou reformas que atendiam às necessidades específicas do país e de seu povo. Essa estratégia, mais equilibrada, permitiu ao governo identificar e solucionar problemas individuais das empresas nacionais, melhorando gradualmente sua eficiência, sem perder a sua soberania.

O artigo evidencia que a ascensão do gigante asiático está diretamente ligada às estratégias de desenvolvimento lideradas pelo Estado, que desafiaram os valores econômicos liberais ocidentais. Em virtude das políticas públicas assertivas e planejadas pelo Estado, o país tornou-se a segunda economia global, e embora o sistema político e econômico não esteja isento de críticas, o êxito em transformar um país majoritariamente agrícola numa potência tecnológica serve de exemplo para outras nações.

Após a análise histórica sobre a ascensão chinesa, o artigo destaca o resultado da entrada da China na OMC, em 2001, associação essa que marcou uma estratégia política essencial na integração da nação no comércio internacional e que foi responsável por impulsionar ainda mais o seu crescimento econômico. Após a adesão ao organismo, o gigante asiático obteve um aumento expressivo nas exportações, consolidando-se como importante parceiro comercial global e, assim, os chineses ampliaram sua influência mundial. Com o país participando mais ativamente do comércio internacional e atraindo cada vez mais investimento estrangeiro, foi percebido pela China a necessidade e a oportunidade de fortalecer o renminbi, uma vez que, ao promover sua moeda nos acordos internacionais, ela se protegia de possíveis flutuações e de crises do dólar, consolidando sua autonomia monetária.

Entretanto, a partir dos estudos apresentados, é possível afirmar que o renminbi ainda não rivaliza emparelhadamente com o dólar como moeda de reserva global, porém, de fato, cada vez mais a moeda chinesa alcança relevância no cenário internacional. Nesse contexto, o dólar estadunidense continua dominante – sendo utilizado de forma principal nas transações internacionais –, devido ao seu *status* de moeda reserva global e pela confiança internacional nas instituições estadunidenses. Todavia, os conflitos atuais, como a guerra na Ucrânia, e a adoção de sanções por parte dos Estados Unidos impedindo o uso do dólar a determinados países estão reorientando os países a adotarem uma postura mais cautelosa em relação ao uso do dólar, pois, períodos de conflito suscitam debates a respeito da dependência do dólar.

Os Estados Unidos utilizam a dominância do dólar como arma estratégica, sendo utilizada como ferramenta de pressão política através de aplicação de sanções econômicas aos demais países que desafiam os interesses estadunidenses. Isso acontece devido ao fato de que ao aplicar sanções econômicas a um país, os Estados Unidos conseguem restringir o acesso a transações em dólar e, conseqüentemente, ao sistema financeiro global. Esse tipo de sanção tem sido aplicada contra a Rússia e revela à comunidade internacional a vulnerabilidade que

causa a dependência do dólar, uma vez que as economias são expostas ao risco caso entrem em desacordo com as políticas estadunidenses.

Essas preocupações são ampliadas pela instabilidade financeira e pela volatilidade do dólar num cenário de conflitos prolongados, especialmente aqueles envolvendo grandes potências. A volatilidade do dólar afeta os mercados de *commodities*, cuja oscilação pode impactar economias dependentes de importação e exportação. Em resposta, várias nações têm adotado estratégias para reduzir sua exposição, ao diversificar as suas reservas e ao fortalecer as suas moedas locais. Esse movimento é parte de um esforço para proteger suas economias de possíveis sanções e oscilações cambiais, reforçando uma postura mais independente frente ao dólar.

O Partido Comunista Chinês, desde a crise financeiro-imobiliária de 2008 nos Estados Unidos, tem a preocupação de investir no desenvolvimento de um sistema financeiro alternativo e na criação de transações independentes, como os acordos de *swap*. Nessa direção, a internacionalização do renminbi é, portanto, evidente e crescente. Desde sua inclusão na cesta de Direitos Especiais de Saque (SDR) do Fundo Monetário Internacional (FMI), a moeda chinesa tem experimentado um aumento no uso internacional, tanto em transações comerciais quanto em reservas dos bancos centrais de países com relações comerciais intensas com a China. Em 2023, o renminbi tornou-se a segunda moeda mais utilizada do comércio global (Caixin Global, 2023). A China tem promovido o renminbi como uma alternativa, especialmente em áreas como a Ásia Central, Europa e América Latina, incentivando acordos de *swap* e centros financeiros *offshore*.

REFERÊNCIAS

AGLIETTA, M. **La notion de monnaie internationale et les problèmes monétaires européens dans une perspective historique**. Revue économique, v. 30, n. 5, p. 808-844, 1979.

AGLIETTA, M. **La fin des devises clés: essai sur la monnaie internationale**. Paris: La Découverte, 1986.

ALMEIDA FILHO, Niemeyer.NASCIMENTO, Carlos Alves. **Políticas de desenvolvimento orientadas numa perspectiva Sul – Sul, América Latina**. In: Workshop abordagens críticas ao desenvolvimento, 2018, Rio de Janeiro. Anais Eletrônicos [...]. Rio de Janeiro: Instituto de Relações Internacionais PUC-Rio, 2018.

ANDRADE, Luíza Cardoso de; CUNHA, André Moreira. **A diplomacia do yuan: breves comentários sobre a internacionalização financeira da China (parte I – aspectos teóricos)**. Economia & Tecnologia, Curitiba, v. 23, p.15-28, outubro-dezembro de 2010.

ANDRADE, Luíza Cardoso. Cunha, André Moreira. **A diplomacia do yuan: breves comentários sobre a internacionalização financeira da China (parte II – evidências e conclusões)**. Economia & Tecnologia, Curitiba, v. 24, p. 15-26, jan./mar. 2011.

ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith em Pequim: Origens e Fundamentos do Século XXI**. Tradução de B. Medina. São Paulo: Boitempo, 2008. 432 p.

ARRIGHI, Giovanni.; SILVER, Beverly J.; BREWER, Benjamin. **Industrial Convergence, Globalization, and the Persistence of the North-South Divide**. Studies in Comparative International Development, [S. l.], v. 38, n. 1, 2003. <https://doi.org/10.1007/BF02686319>.

BANCO MUNDIAL. **World Development Indicators (WDI)**. Washington, 2021. Portal: Data Bank. Disponível em: <https://databank.worldbank.org/source/world-development-indicators>. Acesso em 04 de novembro de 2024.

BOWLES, Paul; WANG, Baotai. **Renminbi internationalization: a journey to where?**. 2013. v. 44, n. 6, p. 1363-1385. Development and change - International Institute of Social Studies.

BLOOMBERG. Yuan. **Usage Extends Global Climb as Euro Share Slips, SWIFT Says**. Bloomberg, 2024. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2024-04-18/yuan-usage-extends-global-climb-as-euro-share-slips-swift-says> . Acesso em: 10 out. 2024.

CHEY, Hyoung-kyu. **The concepts, consequences, and determinants of currency internationalization**. GRIPS Discussion Papers - National Graduate Institute for Policy Studies. 2013. Disponível em: <https://ideas.repec.org/p/ngi/dpaper/13-03.html> .

CHINA, PEOPLE'S BANK OF. **Monthly Financial Statistics Report**. People's Bank of China, 2023. Disponível em:

<http://www.pbc.gov.cn/en/3688241/3688636/3828468/4756463/5163932/2023120819545781941.pdf>. Acesso em: 13 out. 2024

COHEN, Benjamin. The Yuan Tomorrow? Evaluating China's Currency Internationalization Strategy.. 2012. Asia, China, and the Yuan - New Political Economy, 2012. Disponível em:<http://www.polsci.ucsb.edu/faculty/cohen/recent/pdfs/New_Pol_Econ_2012_article.pdf>

COHEN, Benjamin J. **The Benefits and Costs of an International Currency: Getting the Calculus Right**. 2011. v. 23, p.13-31. Open Economies Review, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11079-011-9216-2>.

COHEN, Benjamin. The future of sterling as an international currency. Londres: Macmillan, 1971. Disponível em:

https://books.google.com/books/about/The_Future_of_Sterling_as_an_Internation.html?id=t0GaAAAAIAAJ

CONTI, Bruno M.; PRATES, Daniela M.; PLIHON, Dominique. **O Sistema Monetário Internacional e seu Caráter Hierarquizado**. In: CINTRA, Marcos A. M.; MARTINS, Aline R. A. (org.). As transformações no sistema monetário internacional. Brasília: IPEA, 2013. p.23-84

CHINA2BRAZIL. **CNOOC e TotalEnergies finalizam primeiro acordo em yuan no comércio de gás**. China2Brazil, 2023. Disponível em:

<https://china2brazil.com.br/cnooc-totalenergies-finalizam-primeiro-acordo-yuan-comercio-de-gas/>. Acesso em: 22 out. 2024.

EICHENGREEN, Barry. **Privilégio exorbitante: a ascensão e a queda do dólar e o futuro do sistema monetário internacional**. Elsevier Brasil, 2011. Disponível em:

EICHENGREEN, Barry; KAWAI, Masahiro. **Issues for renminbi internationalization: an overview**. 2014. Asian Development Bank Institute. Tokyo. Disponível em:

<http://www.relooney.com/NS3040/000_New_476.pdf>.

EICHENGREEN, Barry; LOMBARDI, Domenico. **RMBI or RMBR? Is the renminbi destined to become a global or regional currency?**. 2017. v. 16, n. 1, p. 35-59. Asian Economic Papers, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.1162/ASEP_a_00483

FRANKEL, Jeffrey. **Internationalization of the RMB and Historical Precedents**. 2012. pp. 329-365. Journal of Economic Integration, Sejong University, 2012. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23317238>

FREITAS, Gustavo Lucas Oliveira et al. **A inserção da China na economia global e sua Adesão à Organização Mundial do Comércio (OMC)**. 2021. 94 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

GERSCHEKRON, Alexander. **O atraso econômico em perspectiva histórica e outros ensaios**. Rio de Janeiro. Celso Furtado/ Contraponto Editora Ltda. 2015. Disponível em: https://www.centrocelsofurtado.org.br/interna.php?ID_M=1165

GOLDBERG, Linda S.; TILLE, Cédric. **Vehicle currency use in international trade**. 2007. v. 76, n. 2, p. 177-192. *Journal of International Economics*. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jinteco.2008.07.001>

GUILLAUMIN, G.; PLIHON, D. Les monnaies dans la mondialisation. In: SUR, S. et al. **Questions internationales: mondialisation et crises financières, nov.-déc. 2008**. 2008. n. 34. Disponível em: <https://www.lgdj.fr/questions-internationales-novembre-decembre-2008-n34-3303331600343.html>

GLASER, Bonnie S.; MEDEIROS, Evan S. **The changing ecology of foreign policy-making in China: the ascension and demise of the theory of “peaceful rise**. 2007. v. 190, p. 291-310. *The China Quarterly* - Cambridge University Press. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0305741007001208>

GLOBAL FIRE POWER. **2024 Military Strength Ranking**. Disponível em: <<https://www.globalfirepower.com/countries-listing.php>>. Acesso em 05 de novembro de 2024.

HELLEINER, Eric. Political determinants of international currencies: What future for the US dollar?. *Review of international political economy*, v. 15, n. 3, p. 354-378, 2008.

HUANG, Yiping; WANG, Daili; FAN, Gang. **Paths to a reserve currency: internationalization of the renminbi and its implications**. 2014.

International Monetary Fund. **IMF Adds Chinese Renminbi to Special Drawing Rights Basket**. International Monetary Fund. Disponível em: <<https://www.imf.org/en/News/Articles/2016/09/29/AM16-NA093016IMF-Adds-Chinese-Renminbi-to-Special-Drawing-Rights-Basket>>. Acesso em: 20 de outubro 2024

International Monetary Fund. **IMF Members’ Quotas and Voting Power, and IMF Board of Governors**. International Monetary Fund. Disponível em: <https://www.imf.org/en/About/executive-board/members-quotas#G>. Acesso em 05 de novembro de 2024.

International Monetary Fund. **Special Drawing Rights (SDR)**. International Monetary Fund. 2023. Disponível em: <https://www.imf.org/en/About/Factsheets/Sheets/2023/special-drawing-rights-sdr#:~:text=In%20the%20review%20concluded%20in,set%20interest%20rates%20on%20SDRs>. Acesso em: 9 nov. 2024.

JABBOUR, Elias. **China Socialismo e Desenvolvimento: Sete Décadas Depois**. 2 ed. São Paulo: Anita Garibaldi; Fundação Maurício Grabois, 2020.

JABBOUR, Elias; GABRIELE, Alberto. **China: o socialismo do século XXI**. Boitempo Editorial, 2021.

KIRSHNER, J. **Currency and coercion: the political economy of international monetary power**. Princeton: Princeton University Press, 1997.

KRUGMAN, Paul et al. **The international role of the dollar: theory and prospect**. Exchange rate theory and practice. v. 1, p. 261-278, 1984. University of Chicago Press. 1984

MAZZUCATO, Mariana. **O Estado Empreendedor: Desmascarando o mito do setor público vs. setor privado**. Tradução de Elvira Serapicos. São Paulo: Portfolio-Penguin, 2014.

MENDONÇA, A. Sistema financeiro chinês: conformação, transformações e controle. In: CINTRA, M.; SILVA FILHO, E.; PINTO, E. (Orgs.). **China em transformação: dimensões econômicas e geopolíticas do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: IPEA, 2015.

MCCAULEY, Robert N. **Renminbi internationalization and China's financial development**. BIS Quarterly Review, December, 2011.

NAUGHTON, Barry. **The Chinese economy: Transitions and growth**. MIT press, 2007.

PRATES, Daniela Magalhães. **Crises financeiras dos países "emergentes": uma interpretação heterodoxa**. 2002. 205 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, 2002.

PRASAD, Eswar S. **China's Efforts to Expand the International Use of the Renminbi**. US-China Economic and Security Review Commission, 2016

O papel do dólar e do renminbi no sistema monetário internacional. In: CINTRA, Marcos; MARTINS, Aline. **As transformações no sistema monetário internacional**. Brasília: IPEA, 2013.

O Sistema Financeiro Chinês: A Grande Muralha. In: CINTRA, Marcos; SILVA FILHO, Edson. **China em transformação: dimensões econômicas e geopolíticas do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: IPEA, 2015.

O Sistema Monetário Internacional e seu Caráter Hierarquizado. In: CINTRA, Marcos A. M.; MARTINS, Aline R. A. **As transformações no sistema monetário internacional**. p.23-84. Brasília: IPEA, 2013.

SOUZA, Renildo. **Estado e Capital na China**. Salvador: EDUFBA, 2018. 285 p.
<https://doi.org/10.7476/9788523220020>.

Society For Worldwide Interbank Financial Telecommunication (SWIFT). **RMB Tracker**. SWIFT, 2024. Society For Worldwide Interbank Financial Telecommunication (SWIFT). Disponível em:
<https://www.swift.com/our-solutions/compliance-and-shared-services/business-intelligence/reminbi/rmb-tracker> . Acesso em: 9 nov. 2024.

Society For Worldwide Interbank Financial Telecommunication (SWIFT). **RMB Tracker Document Centre**. SWIFT, 2024. Society For Worldwide Interbank Financial Telecommunication (SWIFT). Disponível em:
<https://www.swift.com/our-solutions/compliance-and-shared-services/business-intelligence/reminbi/rmb-tracker/rmb-tracker-document-centre> . Acesso em: 9 nov. 2024.

World Bank. **World Development Indicators**. World Bank DataBank, 2024. World Bank. Disponível em: <https://databank.worldbank.org/source/world-development-indicators> . Acesso em: 9 nov. 2024.

WORLDOMETERS. **GDP by Country**. Worldometers, 2024. Disponível em:
<https://www.worldometers.info/gdp/gdp-by-country>. Acesso em: 10 nov. 2024.

YONGDING, Y. **How Far Can Renminbi Internationalization Go?**. 2014. 28f. Chinese Academy of Social Sciences - Asian Development Bank Institute. 2014.

YUKUN, Zhang; JING, Wang. **Chinese Yuan Edges Out Euro as Second-Most Used Currency in Global Trade Finance**. Caixin Global, 2023. Disponível em:
<https://www.caixinglobal.com/2023-10-31/chinese-yuan-edges-out-euro-as-second-most-used-currency-in-global-trade-finance-102122297.html>. Acesso em: 29 out. 2024.

AGRADECIMENTOS

Assim como grande parte dos sonhos que concretizei, me graduar em Relações internacionais foi um sonho que partiu de mim, mas foi acolhido proporcionado por inúmeras pessoas ao meu redor, as quais desejavam, acima de tudo, me ver feliz. De antemão, agradeço a todos aqueles que de alguma forma influenciaram essa jornada. Infelizmente, a limitação de espaço não me permite citar um por um. Mas saibam que este sonho só se tornou realidade pois foi “sonhado junto”.

À minha mãe, Renata, meu eterno porto seguro. Obrigada por trabalhar incansavelmente para sempre me proporcionar o melhor e por me ensinar lições valiosas sobre perseverança, amor e honestidade. Sou grata por cada gesto de apoio em minhas decisões, por cada palavra de incentivo nos desafios e por estar ao meu lado para me amparar

nas quedas. Você é minha casa, meu orgulho e minha fortaleza. Agradeço a Deus por me abençoar com uma mãe tão incrível quanto você. Amo você maior que o Titanic.

À minha avó, Dulcineia, que me embalou no colo e na vida, encontrando, após uma longa trajetória, seu propósito na luta por viver. Sua força e resiliência me inspiram profundamente, e não existem palavras suficientes para expressar minha gratidão. Espero que este trabalho a encha de orgulho, assim como eu me orgulho imensamente de tê-la como exemplo e inspiração.

Ao meu pai, Carlos, que foi calma em uma tempestade de acontecimentos e fortaleza nos meus momentos de fraqueza, obrigada por sempre orgulhoso e crente em mim mesma, mesmo quando nem eu acreditava.

Ao professor, Filipe Reis, que me direcionou e me deu oportunidade, és responsável pela profissional que sou hoje.

Aos meus amigos, Ana Célia, Carlos, Emily e Erbênea, obrigada por ainda estarem comigo e me inspirarem mesmo que de longe. Carrego vocês todos em cada pensamento meu.

À minha dupla e primeira roommate, Joana Darc, minha gratidão é imensa. Obrigada por me acolher e por ser um porto seguro em João Pessoa, transformando essa cidade em um verdadeiro lar para mim. Ao seu lado, cresci de tantas maneiras e vivi momentos que levarei para sempre no coração. Obrigada por estar comigo nessa jornada.

À Emille, minha patricinha favorita, obrigada por todo dorama, filme e séries assistidas, nossas noites do pijama foram as melhores. Terei sempre um matte para você.

À Camilly, minha melhor roommate, agradeço por todas as madrugadas compartilhadas, entre conversas profundas e maratonas de doramas, que guardo com carinho no coração. À Babi, por trazer leveza aos meus dias e acreditar em mim nos momentos em que eu mesma duvidei. E à Flávia, sempre pronta para me ajudar e incentivar, você foi minha confiança durante todo nessa jornada louca de TCC, obrigada por estar ao meu lado durante toda essa experiência e todas as noites sem dormir ajustando tabelas ou apenas assistindo TBBT. Cada uma de vocês tornou essa caminhada inesquecível.

Por fim, agradeço a Deus por permitir que vocês fizessem parte da minha história. Durante o curso de Relações Internacionais, o ditado “A vida é como uma viagem de trem; alguém sempre desce na estação” tornou-se cada vez mais real. Cada um segue seus próprios caminhos e sonhos, muitas vezes em lugares distintos, mas levo comigo o desejo sincero de que, em algum momento, todos nós possamos nos reencontrar. Mesmo à distância, sei que cada um continuará a brilhar, iluminando o mundo com sua luz única.